

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

CRISTINA GAUTERIO DASSO

**MEMÓRIA INSTITUCIONAL DO DETRAN/RS  
CAMINHO EM CONSTRUÇÃO**

São Leopoldo  
2016

Cristina Gauterio Dasso

**MEMÓRIA INSTITUCIONAL DO DETRAN/RS  
CAMINHO EM CONSTRUÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização Lato Sensu História do Rio Grande do Sul apresentado à Escola de Humanidades da Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em História do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dra. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos

São Leopoldo

2016

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos por ser uma orientadora generosa.

Aos professores do curso de especialização em História do Rio Grande do Sul por cada aprendizado ao longo desse curso.

Aos colegas, companheiros de estudo, pelas conversas, leituras e experiências compartilhadas.

À minha mãe Magda Maria por seu exemplo e apoio.

Ao meu marido Pablo e meus filhos Diego e Leonardo, pelo amor, paciência e incentivo.

*Memória*

*Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.*

*Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.*

*Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.*

(Carlos Drummond de Andrade)

## RESUMO

Este artigo discute brevemente a questão da memória, tendo se utilizado de história oral, detém-se na pesquisa sobre as motivações e dificuldades dos primeiros servidores do Departamento de Trânsito do Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 1998, buscando percepções da identidade institucional. Apoia-se na memória dos servidores do DETRAN/RS, trabalhando a preservação da memória institucional e procurando construir a identidade do grupo.

**Palavras-chave:** Memória. DETRAN/RS. Identidade institucional.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2 A HISTÓRIA ORAL E A MEMÓRIA: CONSTRUINDO UM CAMINHO</b>	<b>8</b>
<b>3 “VOU PARA UM NOVO ÓRGÃO QUE ESTÁ COMEÇANDO!” – MOTIVAÇÕES E DIFICULDADES DOS PRIMEIROS SERVIDORES DO DETRAN/RS</b>	<b>12</b>
<b>4 CAMINHO PARA GESTÃO - MEMÓRIA INSTITUCIONAL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INSTITUCIONAL</b>	<b>17</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>21</b>
<b>ANEXO A – Equipe do I Encontro Estadual de Diretores de Ensino</b>	<b>22</b>
<b>ANEXO B – Mesa do I Congresso Internacional de Trânsito – 1998</b>	<b>23</b>
<b>ANEXO C – Auditório do I Congresso Internacional de Trânsito – 1998</b>	<b>24</b>
<b>ANEXO D – Transcrição da entrevista com Servidores que ingressaram em abril de 1998 – DETRAN/RS</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O poeta convida a brincar com o esquecimento e sugere a permanência do que toca, o vivido, marcado pelo afeto – o muito mais que lindo. Adentramos no terreno das subjetividades da memória, que remete ao passado.

Segundo Le Goff (1990, p. 13), “o tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta.” Entende-se que a memória é uma das fontes da história na permanente construção de representações do passado.

Estudar a história do Rio Grande do Sul possibilita estabelecer relações, na tentativa de compreender a realidade na qual se está inserido. São múltiplas as possibilidades de trabalhar com diferentes recortes sobre sua história, mas escolhemos a memória institucional do Departamento de Trânsito do Estado do Rio Grande do Sul (DETRAN/RS), como tema desse artigo por sermos parte dessa instituição e por querermos ampliar questões de história oral, memória e identidade institucional.

O trabalho a seguir busca aproximar o olhar sobre os servidores do DETRAN/RS que ingressaram no ano de 1998, o início da vida da autarquia. Uma vez delimitado o tema histórico, elaborou-se o questionamento: Quais eram as motivações e as dificuldades dos servidores do DETRAN/RS, a partir de seu ingresso na autarquia, no ano de 1998?

Em um processo de aprendizagem do curso de especialização de história do Rio Grande do Sul, buscou-se produzir uma reflexão crítica. Almejou-se contar um processo acontecido no passado e que, de alguma forma, tivesse relação com a pesquisadora e com a memória da instituição em que trabalhava. Ainda, tentamos compreender o papel dos primeiros servidores na formação da identidade institucional.

O cuidado com a memória de uma instituição é uma das formas de apresentar à sociedade o que ela possui de singular. No âmbito interno da autarquia, a seleção e o cuidado com a memória proporcionam aos seus servidores uma melhor compreensão e valorização do seu papel.

A história de uma instituição contribui para a formação de sua identidade perante a sociedade. Os serviços prestados pela autarquia nas áreas de habilitação, veículos, infrações, direta ou indiretamente, atingem todo cidadão gaúcho. Desse

modo, conhecer a história de uma instituição, por meio do depoimento dos servidores envolvidos em seu crescimento, possibilita reforçar sua relação com a sociedade a quem serve.

O trabalho parte da realização de uma entrevista com a primeira turma que ingressou na autarquia em abril de 1998. Foram onze entrevistados que trouxeram fotos e documentos para contribuir no projeto. A entrevista foi transcrita e compõe um acervo de depoimentos de servidores da autarquia e será anexada ao final do trabalho (Anexo D).

A presente pesquisa está dividida em três partes. A primeira parte trata de questões pertinentes à história oral e a memória. Na segunda parte abordam-se as motivações e dificuldades dos servidores do DETRAN/RS. Por fim, a terceira parte analisa algumas percepções quanto à identidade institucional.

## 2 A HISTÓRIA ORAL E A MEMÓRIA: CONSTRUINDO UM CAMINHO

O tempo é a dimensão da análise da história. O passado já aconteceu, a história elabora um discurso sobre ele. Mude-se o olhar, desloque-se a perspectiva e surgirão novas interpretações.

A transformação é a essência da história, que é busca e escolha. A produção historiográfica busca novos paradigmas que devem ser enfrentados. Na busca do nexo das ações humanas há historiadores que se voltam para a história oral.

A história oral permite que as experiências de vida das mais variadas pessoas possam ser usadas como matéria-prima. Assim, saliente-se a relevância de sujeitos anônimos.

Destaque-se a obra de Thompson (1998) como suporte para utilização da história oral. O autor afirma que a história oral pode ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história, revelando novos caminhos de investigação.

Ele aponta para a construção de uma história mais democrática, para uma reconstrução mais realista de um passado complexo e multifacetado. Dessa forma, possibilita-se um compartilhar de experiências em um nível mais humano: dar voz, rosto e nome aos números da história. Mostrar as pessoas comuns, na busca da construção de uma história mais democrática.

Afirma que o historiador oral tem que ser um bom ouvinte, coletar informações interessantes, pois a história oral é uma história construída em torno de pessoas. É necessário que se aprenda com o que não está sendo dito e se considere o que significam os silêncios.

O autor ainda coloca que não se deve apenas confortar e sim apresentar um desafio, uma compreensão que ajude no sentido da mudança. Dessa maneira, a história deve desacomodar, caminhar para perspectivas mais amplas. É a busca de evidências que leva ao debate e à interpretação histórica.

Nessa construção metodológica, encontra-se em Constantino (2002, p. 188), os parâmetros para as questões intrínsecas à história oral, como o de buscar o sentido latente. Ela esclarece que a Análise Textual Discursiva, também conhecida como Análise de Conteúdo, serve para produzir inferências e desvelar significados.

Busca-se extrair o máximo da entrevista, ler com profundidade. Faz-se necessário o retorno constante às informações e a atenção permanente aos

objetivos e metas de pesquisa, mantendo-se o foco no objeto e no contexto em estudo.

Constantino (2004, p.32) explica que devemos estar conscientes que a narrativa do passado poderá ser sempre objeto de discussão e revisão. Assinala que qualquer homem poderá ser sujeito e objeto da história. Através da desconstrução no processo de interpretação, se chegará a uma leitura bem diferente – um novo olhar.

Ela ensina que o historiador precisa separar a pergunta que faz ao passado da resposta que gostaria de obter. Para tanto, deve-se repartir o documento em elementos, identificando as partes singulares e aprendendo a guardar distância em atitude de estranhamento ao conhecido.

Amado e Ferreira (1996) destacam o testemunho oral como núcleo da investigação e nunca como parte acessória. As entrevistas são fruto do diálogo entre entrevistador e entrevistado, não havendo uma rígida separação entre sujeito e objeto da pesquisa. As organizadoras de *Usos & Abusos da história oral* alertam que a história oral apenas suscita questões, jamais as soluciona.

Para entender o passado através da história oral somam-se as entrevistas, as imagens, os documentos escritos e outros registros possíveis. Deseja-se compreender como os indivíduos interpretaram acontecimentos de um grupo ou da sociedade em geral, tornar o estudo da história mais concreto e próximo.

Há um conjunto de atividades anteriores e posteriores à gravação de depoimentos: pesquisa e levantamento de dados para preparação dos roteiros e tratamento do material gravado. Deve-se buscar gerir o que está sendo produzido.

Recompôr o passado não é possível, mas devemos tentar compreendê-lo através dos vestígios. Ao trabalhar com história oral, é importante refletir sobre a memória e a subjetividade implícita.

Portelli (1996) explica que a imaginação assume um papel fundamental quando a discussão do que é realidade ou não quando se lida com o documento oral. Os relatos muitas vezes não se referem pela forma que a história de desenrolou, mas como ela poderia ter ocorrido, portanto, seu campo não incide na realidade, mas na possibilidade.

A linguagem compõe o quadro da memória que através da recordação, passa efetivamente a existir. Contar sobre eventos que pautam a própria existência afirma o indivíduo como sujeito com o reconhecimento externo de sua existência.

Catroga (2001, p. 45) enfatiza que o testemunho da memória – a chamada história oral deve passar pelo crivo das exigências críticas da operação historiográfica. Explica que a memória quando arquivada, perde sua característica de recordação e adquire o estatuto de documento.

O autor de *Memória História e Historiografia* vê a memória como um rastro que o historiador pode transformar em fonte. Resquício que estabelece laços de identidade individual e coletiva.

Ele distingue três níveis de memória: a proto-memória que envolve os automatismos; a memória que envolve a recordação; a meta-memória que define as representações que o indivíduo faz do que viveu. Memória e meta-memória remetem a como cada um se filia ao seu passado, constrói a sua identidade e se distingue dos outros.

É na meta-memória que se localiza o centro social da memória, pois a representação de algo leva a compreender os aparatos mentais que se originam no interior de um conjunto social, compartilhado, experienciado e que dá sentido ao ato de recordar. Recordar como remeter-se a uma anterioridade.

Para Portelli (1996, p.127) a memória é um fenômeno construído social e individualmente, existe em função de um determinado grupo que compartilha experiências com outros semelhantes e está sujeita a transformações contínuas.” O autor, ainda, salienta que “por muito que se deva a memória coletiva, é o indivíduo que recorda.”

Em Nora (1993, p. 9) encontra-se a definição que a “memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução aberta à dialética da lembrança e do esquecimento inconsciente de suas deformações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.”

Nora (1993, p. 9) apresenta a história como “reflexão problemática e incompleta do que não existe mais”. Memória e história evocam o passado, mas não se confundem.

Pollack (1989) trabalha que a definição que toda a memória individual é coletiva se constitui a partir do social. Destaca a importância das fontes orais na análise dos excluídos, que as memórias subterrâneas se opõem à memória oficial. Os objetos de pesquisa devem ser escolhidos onde há memórias concorrentes. Há múltiplas reivindicações no espaço público - memórias em disputa.

Ele afirma que a elaboração das memórias acontece a partir de alguns elementos constitutivos: primeiramente os vividos pessoalmente, depois os vividos por tabela, pois foram vividos pelo grupo que a pessoa se sente pertencer.

O autor demonstra que toda memória pressupõe enquadramentos, esquecimentos e silêncios. O trabalho de enquadramento se alimenta da história, mas há tensões entre a imagem oficial e a lembrança.

Entende-se que as memórias não se encontram isoladas das circunstâncias em seu entorno, podendo sofrer manipulações conscientes ou não. Não existe fonte histórica livre de subjetividade, pura ou imparcial. Há de se considerar que toda fonte histórica não é um espelho fiel da realidade, mas sempre a representação de parte do objeto, devendo sempre ser analisada como tal.

Le Goff (1990, p. 476) situa a memória coletiva não apenas como conquistas de indivíduos ou coletividades, mas como instrumento e objeto de poder. Assim, chega-se há um importante questionamento sobre a imposição de uma memória coletiva que privilegia grupos dominantes. Cabe à história investigar os interesses por trás dos silêncios e esquecimentos.

Faz-se necessário uma mediação entre o presente e o passado. Segundo Catroga (1991, p. 20), há uma coexistência tensional entre as várias memórias, em permanente construção, sofrendo alterações das re-presentações do pretérito.

Aspira-se uma memória esclarecida pela historiografia. Os esquecimentos, os atos falhos, assumem na escala da memória coletiva proporções gigantescas, que apenas a história é capaz de trazer à luz.

Por este caminho da história oral e da memória chega-se à produção de um documento escrito, fruto de entrevistas com onze dos primeiros servidores do DETRAN/RS, que ingressaram em abril do ano de 1998. Tira-se do silêncio suas motivações e dificuldades e busca-se a relação com a identidade da autarquia.

### **3 “VOU PARA UM NOVO ÓRGÃO QUE ESTÁ COMEÇANDO!” – MOTIVAÇÕES E DIFICULDADES DOS PRIMEIROS SERVIDORES DO DETRAN/RS**

O DETRAN/RS foi criado pela Lei 10847/96. Assume status de entidade autárquica, dotado de autonomia administrativa e financeira e tem como finalidade gerenciar, fiscalizar, controlar e executar, em todo o território do Estado, as atividades de trânsito. Prevê que as atividades pertinentes à execução dos serviços poderão ser objeto de concessão ou permissão.

O secretário de justiça e segurança José Fernando Cirne Lima Eichenberg estrutura o DETRAN/RS, segundo o Modelo de Reforma Gerencial do Aparelho do Estado, proposto pelo ministro da Administração Federal e Reforma do Estado (1995-1998) - Luis Carlos Bresser Pereira. Trata-se de um modelo de gestão descentralizado<sup>1</sup>.

Desse modo, os serviços realizados anteriormente por servidores da Polícia Civil, passaram a ser exercidos por servidores concursados do quadro de pessoal próprio do DETRAN/RS. Existem atividades de competência da Autarquia que são efetuadas por empresas privadas, através do mecanismo de credenciamento, assim como por outros órgãos públicos, através do mecanismo de convênio.

As antigas autoescolas tornaram-se Centros de Formação de Condutores (CFCs) e os serviços referentes a veículos, anteriormente realizados pelas Ciretrans, passaram a ser realizados pelos Centros de Registro de Veículos Automotores (CRVAs). Assim, o DETRAN/RS segue credenciando outros serviços que lhe competem. Atualmente, os tipos de empresas credenciadas são: Centros de Remoção e Depósito (CRDs), Fábricas de Placas e Tarjetas (FPTs), Centros de Desmanche de Veículos (CDVs), além dos já referidos CFCs e CRVAs.

O DETRAN/RS inicia as suas atividades em 01 de julho de 1997. Nesse ano é sancionada a Lei 10955, que dá origem ao quadro de servidores da autarquia. Em 1998 ingressam os primeiros servidores efetivos, que substituem os servidores comissionados.

---

<sup>1</sup> O novo modelo inspirava-se na administração privada e na busca por eficiência, era voltado para uma mentalidade de “mercado”, para o controle e gestão por resultados e percebia o cidadão como cliente e contribuinte de impostos. A Reforma Gerencial desencadeou críticas de diversos autores por utilizar o termo “cliente” em referência ao cidadão, bem como por promover a eficiência com ênfase no controle dos resultados em detrimento ao controle dos processos.

A coordenadora técnica Nereide Tolentino coordena a implementação do Projeto Novo DETRAN, ela surge na fala dos servidores, Lisete lembra:

*Nereide Tolentino que também era pedagoga, que foi a primeira presidente do DETRAN, que ela que oportunizou que quando fosse para o concurso, é claro que com toda uma filosofia por trás da autarquia DETRAN, ela oportunizou a abertura de vagas pra esse montante expressivo de pedagogas do Estado inteiro e a gente acostumou a dizer e a chamar ela de nossa musa*

Atribui-se à Nereide o espaço que a área da Educação tem no projeto inicial da autarquia. A Divisão de Educação para o Trânsito realiza campanhas de caráter permanente e em períodos especiais e planeja ações coordenadas com órgãos dos sistemas educacionais.

Atualmente conta com duas coordenadorias: Coordenadoria de Tecnologia e Ensino a Distância - CTED que visa consolidar e otimizar o potencial educativo existente na relação entre tecnologia e educação para o trânsito; Coordenadoria de Projetos e Ensino Presencial – CPEP visa consolidar ações de educação para o trânsito, através de múltiplas abordagens, bem como o assessoramento aos municípios para a implementação de ações de educação e segurança no trânsito.

Os servidores da primeira turma recebiam que a autarquia fosse extinta, que tivesse vida efêmera. Identificam-se incertezas e instabilidades em suas trajetórias, como afirma Rosângela:

*Muito tempo isso era uma ameaça, vai voltar. Galinha dos ovos de ouro. A gente sempre ouvia isso. Todo ano vinha essa ameaça.*

Nesse sentido, Lisete completa a fala da colega:

*Na verdade eram duas facetas! Entregavam para a polícia ou para a brigada militar.*

Apesar da significativa arrecadação do órgão, não havia estrutura física para o trabalho inicial. São várias menções que os depoimentos deixam antever, como: *não tinha cadeiras, ser convidado a ir embora por não ter onde sentar, havia revezamento para sentar*. Jeferson explica:

*Mas nós estávamos efetivos em exercício. Diziam voltem outro dia, a gente vai ver o que pode fazer. Foi um baque aquilo ali, não tem como fazer, não tem onde sentar.*

As falas se entrelaçam, expressando uma angustia que sucedeu o momento de ingresso. Lisete, acrescenta:

*Colocavam o CTB<sup>2</sup> na frente: Leiam aí. Aí nós passávamos às oito horas lendo, estudando, de pé.*

Uma das indagações realizadas foi por quê o DETRAN/RS? Por quê o trânsito? Três colegas colocam que estavam desempregados e que realizaram provas em outros concursos. Nessa perspectiva, Rogério revela:

*De todos os concursos que eu fiz, eu desejei mais era passar DETRAN. Trânsito é tudo que eu amo na vida.*

Para os profissionais da pedagogia a resposta era esta: *cansada do ambiente de escola, junto com salário bem expressivo*. Entre os entrevistados, duas servidoras são pedagogas, Rosangela expõe:

*Eu vinha de doze anos de magistério, louca para achar uma alternativa nova para a minha vida mudar, como diz a Lisete tem um tempo que tu faz e tu faz bem aquilo, mas tu tem que dar espaço para que outras pessoas possam fazer mais pela Educação.*

Há servidores que estabelecem a relação com a sua vida pessoal, Rogério, servidor que ficou em primeiro lugar na área de engenharia, coloca:

*A partir daí foi só felicidade, estava só procurando entrar no DETRAN para casar. Passou três meses eu casei, hoje não sou mais casado. Mas assim, foi um ano de intensa felicidade, muita alegria, todo mundo entrou em função de um órgão novo, do CTB novo.*

Surge nos relatos, também, a expectativa de contribuir na formação da autarquia. O novo representa uma promessa, Clair declara:

*Fiz o concurso passei em primeiro lugar, estudei acho que bastante eram quatro vagas. Também tinha passado no*

---

<sup>2</sup> Código de Trânsito Brasileiro instituído pela Lei 9.503 de 1997.

*hospital de clinicas, optei pelo DETRAN (...). Era um órgão novo, mas eu pensei tá começando é bom à gente começar junto, tem mais chances. Estou aqui hoje, faltam dois anos pra me aposentar, quase me aposentando, trabalhando no trânsito!*

Nesse contexto, são muitos os desafios. Os servidores relembram dos *primeiros sistemas de infrações e veículos, dos convênios de reciprocidade com os municípios chamados convênio guarda-chuva, dos primeiros manuais.*

Na busca de documentos, localizou-se uma imagem dos organizadores do I Encontro Estadual de Diretores de Ensino, ocorrido em 1998 (Anexo A). Rosangela enfatiza:

*(...)de cara nos deu uma missão: nós tínhamos três meses de DETRAN tinha que reunir todo o pessoal do Estado, todos os diretores dos Centro de Formação, todo mundo que podia ajudar, dando as regras, o que que era pra acontecer dentro dos Centros. Gente o que era aquilo? Como é que a gente tinha tanta coragem de encarar aquele momento.*

Os servidores demonstram grande satisfação com as realizações, os primeiros projetos concluídos com êxito. Junta-se duas imagens do I Congresso Internacional de Trânsito (Anexo B e C), realizado na PUC, em novembro de 1998, Rose recorda:

*Eu me lembro que a gente teve que organizar o primeiro congresso internacional de transito, a gente entrou em abril e o congresso era pra acontecer em novembro (...) era pouquíssimo tempo, um congresso internacional de transito. A gente tava entrando no DETRAN, não sabia nem o que era DETRAN e quem era o público e como organizar esse evento e foi um desafio em tão pouco tempo um congresso internacional. Foi o primeiro grande desafio fazer esse congresso que foi um sucesso. Foi na PUC e teve seiscentos participantes. Foi bem legal!*

São mencionados os *130 funcionários* que iniciaram em 1998. Gladis avalia:

*Os servidores que estiveram aqui desde o primeiro momento, batalharam, fizeram (...) hoje tem muito a ver com isso, o pessoal não desistiu, não desanimou e continua até hoje batalhando para que o DETRAN cresça cada vez mais.*

A criação do sindicato dos servidores do DETRAN – SINDET surge nos relatos, o *envolvimento em passeatas*. Gladys e Rogério foram sindicalistas ativos, ambos participaram em mais de uma gestão do SINDET.

Volta-se a Catroga (2001, p. 20), que afirma que a memória é sempre seletiva. Trata-se de uma retenção afetiva e quente do passado feita dentro da tensão tridimensional do tempo.

Há sentimento nas várias alusões a missão do DETRAN/RS *a defesa da vida, nós somos o DETRAN, levar o pi do DETRAN na lapela*, até declarações mais enfáticas como *trânsito eu adoro!*

No momento atual, a missão do DETRAN/RS está definida por “Promover a gestão do trânsito com qualidade, ética e transparência, educando os cidadãos e fazendo cumprir as normas em defesa da vida.”, tendo como visão “Ser reconhecido pela excelência na gestão de trânsito e na prestação de serviços, com responsabilidade socioambiental.”

Rose explica:

*Eu não sei, eu sinto, eu visto a camiseta do DETRAN, eu sinto isso, eu não sei se vocês também sentem ou se essa nova geração também sente ou se é só a gente. (...) Por mais que trabalhe no protocolo, trabalhando com correspondência, o DETRAN é missão da defesa da vida, eu acho forte é muito diferente, sei lá, de estar numa empresa privada trabalhando pra vender pneu ou outra coisa, aqui é missão da defesa da vida. Eu acho isso forte, é viciante!*

Ao analisar o registro escrito percebe-se uma forte identidade do grupo com o trânsito, como a defesa da vida. Entretanto, não há referência ao cidadão ou a sociedade a que servimos.

Os servidores sentem-se valorizados por compartilharem suas experiências. De sua memória, descortina-se alguns vestígios da história do início do DETRAN/RS.

Nesse sentido, o trabalho com a entrevista não permite a reconstituição do ingresso dos servidores em 1998. Todavia, fornece indícios importantes para as percepções da identidade do grupo.

## **4 CAMINHO PARA GESTÃO - MEMÓRIA INSTITUCIONAL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INSTITUCIONAL**

O meio acadêmico e as instituições passam a investir de forma crescente em centros de memória. Assim, eles firmam-se como espaços voltados para preservar documentos, atender pesquisas internas ou externas e gerar serviços e produtos relativos à trajetória das instituições.

Ribeiro e Barbosa (2007) apontam para um *boom* da memória, demonstrado por diferentes autores. Há uma multiplicação de espaços de rememoração que buscam ancorar o mundo em crescente mobilidade e transformação.

Busca-se no passado, elementos que possam servir a coesão interna. Assim, utiliza-se a história e a memória para construção de uma identidade institucional.

Nesse sentido, entende-se que memória institucional é uma área que lida com a trajetória e a identidade da instituição, reunindo possibilidades para pesquisas históricas. Ao coletar e trabalhar informações históricas deve-se refletir e estabelecer conexões com a sociedade.

A construção dessa memória deve estar alicerçada na cultura, nos comportamentos, nos símbolos, na identidade e na comunicação da organização. Assim, constitui-se através de significados socioculturais.

Do ponto de vista organizacional, o investimento em memória, revela o que a torna diferente das demais, pois sua trajetória histórica não pode ser repetida por nenhuma outra. Disseminar internamente a cultura organizacional difunde valores e fortalece a instituição.

É necessário estimular funcionários a se apropriarem das vivências e de elementos do cotidiano que os cercam, aprofundando seu vínculo com o lugar onde trabalham, produzindo um sentimento de pertencimento. Experiências vividas juntas geram novos sentidos.

Em um trabalho de reflexão sobre a memória da instituição, geram-se ponderações sobre seus valores, ampliando a compreensão sobre a história ser uma construção de todos. Deve-se fortalecer o compromisso da instituição com sua responsabilidade social e histórica.

Ações de educação patrimonial promovem o exercício da cidadania, o acesso à informação e a memória histórica. Em um âmbito maior, incentivam

transformações e a percepção de valores culturais, importantes para a vida em sociedade.

Silveira e Ramos (2015, p.6) explicam que “o patrimônio cultural tem um papel importante nas preocupações referentes às identidades, bem como nos aspectos concernentes à elaboração de políticas culturais e educativas, principalmente no atual contexto de mundialização/globalização em que vivemos”.

A Comissão Permanente de Memória do DETRAN/RS se propõe à missão de trabalhar com a memória da instituição, a partir do que considera mais importante: a memória dos servidores. O DETRAN/RS é um órgão jovem, com dezenove anos de história, mas que já está coletando documentos, com vistas a formar conhecimento.

Nessa perspectiva, acredita-se que a memória institucional deve ser trabalhada de maneira interdisciplinar. Dessa forma garante-se o caráter histórico, a preservação do patrimônio cultural-documental e que se consolide uma identidade institucional.

Entende-se que preservar a Memória Institucional é mais do que retratar as atividades de uma instituição. Almeja-se um entendimento da instituição como um todo, em que época está inserida – o tempo e o espaço que ocupa na sociedade.

Há responsabilidade histórica no trabalhar com a memória, alimentando a identidade e atribuindo sentido à realidade. Ressalta-se a importância estratégica da preservação da memória institucional, através de um centro de memória que mantém a identidade da organização.

A memória institucional pode auxiliar a instituição a promover mudanças, sem perder a identidade. Para esse fim, os processos vivenciados na instituição devem ocorrer de maneira transparente.

Conclui-se que a memória é elemento essencial na constituição da identidade individual, coletiva e institucional. Portanto, o passado fornece referências para as instituições construírem uma imagem de si mesmas.

Ressalta-se que o conhecimento produzido nos centros de memória apontam caminhos, tornando-se peças estratégica na administração e na comunicação com a sociedade. A história de uma organização traduz sua cultura e sua identidade tanto para os cidadãos que se relacionam com a instituição, como para os servidores que são parte viva.

Por fim, salienta-se a importância do comprometimento dos dirigentes da instituição na implantação e manutenção de um centro de memória. Reforça-se a ideia que memória é conhecimento que poderá gerar conhecimento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história é cada vez mais enriquecida com novas perspectivas metodológicas e novos questionamentos. O presente se modifica e as experiências se sucedem, compreendendo um novo enfoque. Dessa forma, a cada novo presente, há um novo olhar sobre o passado e novas possibilidades se apresentam ao ofício do historiador.

A pouca experiência com o uso de fontes orais representou uma dificuldade a ser superada na fase inicial da pesquisa. A realização da entrevista foi enriquecedora, possibilitando verificar *in loco* os ensinamentos obtidos nos estudos prévios, ao passo que forneceu informações pertinentes aos objetivos da pesquisa.

Mesclam-se lembranças afetivas. O uso da história oral traz humanização para informações de caráter histórico.

Dá-se voz aos servidores! Essas memórias alimentam o fazer histórico e documentadas passam a compor os registros da autarquia.

Há emoção na fala dos depoentes, pausas, alguns silêncios ou frases interrompidas *momentos infelizes, partes que não são tão boas, são da vida, são do DETRAN*. Verifica-se em alguns momentos que o entrevistado se restringe, só se permitindo ir até um limite.

Trabalha-se com a memória dos servidores que se se reconhecem como parte de um todo. Desse modo forma-se, a partir de identidades individuais, a coletiva.

Procura-se valorizar a vivência das pessoas, esse saber antes não registrado. Dessa forma, o aprendizado de uma experiência anterior, pode se tornar subsídio para novos conhecimentos.

Constata-se que há muitas possibilidades de pesquisa na sequência do presente trabalho: dar seguimento às entrevistas e buscar novos nexos na história. Atenta-se que as respostas encontradas não esgotaram a temática, ao contrário, mostraram novos caminhos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CATROGA, Fernando. Memória, História e Historiografia. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

CONSTANTINO, Núncia Maria Santoro. Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades. Estudos Ibero-americanos, Porto Alegre, v.28, n.1, p.183-194, 2002.

\_\_\_\_\_. Caixas no porão: vozes, imagens, histórias. Porto Alegre: BIBLOS, 2004.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: UNICAMP, 1990.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

PORTELLI, Alesandro. O massacre de Civitella Vai di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito, política e senso comum. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; BARBOSA, Marialva. Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional. Comunicação & Sociedade, v. 47,p. 99-114, 2007.

SILVEIRA, Eder da Silva; RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. Dossiê Patrimônio Cultural e Educação . Ágora, v. 17, n.2, 1-9, 2015.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

**ANEXO A – Equipe do I Encontro Estadual de Diretores de Ensino – 1998**



## ANEXO B – Mesa do I Congresso Internacional de Trânsito – 1998



## ANEXO C – Auditório do I Congresso Internacional de Trânsito – 1998



**CONGRESSO  
INTERNACIONAL  
DE TRÂNSITO 1998**

Para que a vida siga em frente.  
Detran - RS / Porto Alegre / Brasil

25 a 27 de novembro de 1998 - PUCRS



Foto Rocha  
(051) 228.4216

## **ANEXO D – Transcrição da entrevista com Servidores que ingressaram em abril de 1998 - DETRAN/RS**

Entrevistadora: A gente quer avisar vocês que a gente vai gravar tá? Pra gente começar a fazer um banco de memória oral dos servidores, por isso a intenção de pegar essa turma aí do início, de pegar relatos da entrada de vocês no DETRAN e como vocês percebiam essa entrada, as intenções do governo, as condições de trabalho. Às vezes a gente já ouviu alguns relatos assim, desde que estamos no DETRAN, mas a gente quer fazer uma coisa assim até pra ficar pra a história do DETRAN, registros do que vocês vivenciaram como foi a entrada lá em noventa e oito, as condições de trabalho. Então vocês se sintam bem a vontade, uma conversa que a gente quer. Vocês fizeram essa história do DETRAN acontecer lá em 98. Eu sempre acho que quem começou do zero é uma coisa muito mais impactante, deve ter um monte de coisas bacanas pra deixar no nosso registro da Comissão de Memória.

A gente fez uma seleção de perguntas pra poder incentivar o debate aqui, ver como é que foi o início de vocês no DETRAN, a minha pergunta que eu gostaria : o que te motivou a fazer o concurso do DETRAN, era um órgão que não existia em termos de autarquia e independente daí quando surgiu a oportunidade o que motivou a fazer o concurso?

**Jeferson:** Eu já estava na secretaria de administração, estudando administração e acabei a faculdade basicamente. O DETRAN há pouco tinha virado autarquia, a gente não sabia direito, o que é isso aí então. A polícia é que fazia esse serviço, agora é do DETRAN, vai funcionar esse DETRAN? Essa autarquia vai ficar anos? Mas pode não funcionar, daqui a pouco nem existe mais, então ficava meio inseguro...

Entrevistadora: Quando surgiu a oportunidade de fazer o concurso o que motivou vocês a fazerem?

**Lisete:** Pode-se fazer perguntas também?

Entrevistadora: Pode, claro.

**Lisete:** Tu chegaste a pensar que não daria certo?

**Jeferson:** Claro que eu pensei, pode ser extinto, pode não funcionar. Tinha esse movimento da sociedade, do povo, da polícia, né! Em um trabalho de conclusão, uma dissertação que eu fiz na UFRGS, eu era titular do DETRAN e lá tinha um ofício do delegado para Assembléia Legislativa, o governador, os delegados dizendo que a sociedade ia perder muito com o serviço, não era unânime a criação do DETRAN.

**Rosângela V.:** O programa de carteiras deu muito dinheiro.

**Rogério:** Fizeram carteiras com a cabeça pra baixo. E aí a mídia caiu em cima, falaram muito mal.

**Gladis:** Fizeram uma CPI.

**Jeferson:** Aí a gente entrou, era umas salas pequenas do 641 e do 666<sup>3</sup>, eu entrei isso é real! No Recursos Humanos, não tinha cadeiras pra todas as pessoas, foram dois dias que a gente foi convidado a ir embora, havia revezamento.

**Lisete:** Os estagiários que faltavam a gente pegava as cadeiras deles.

**Jeferson:** Isso, mas nós estávamos efetivos em exercício. Diziam voltem outro dia, a gente vai ver o que pode fazer. Foi um baque aquilo ali, não tem como fazer, não tem onde sentar.

**Lisete:** Colocaram o CTB na frente: Leiam aí. Aí nós passávamos às oito horas lendo, estudando, de pé.

**Rafael:** Eu não tive essa mamata no primeiro dia. Já no primeiro dia me botaram pra trabalhar.

**Lisete:** Chefe do protocolo né?

---

<sup>3</sup> Referência ao primeiro endereço de DETRAN na rua Sete de Setembro, em salas dos prédios 641 e 666.

**Clair:** Eu também não peguei essa mamata. Nós secretárias tínhamos os diretores pra assessorar, eu me lembro que éramos cinco secretárias. Eu me lembro que era pra ser chefe de gabinete do presidente Djalma Gauterio, nós já começamos trabalhando na frente. Eu me lembro que fiquei na recepção, na frente, tinha uma terceirizada a Lena da Caixa Econômica Estadual. Fiquei na recepção, meio trabalhando na recepção e como secretária. A secretária era a Renata.

**Lisete:** Vou retomar a pergunta: o que estimulou. Na verdade o grande estímulo foi o salário né? Nós ganhávamos o proporcional a dois mil dólares na época, a gente converteu em dólares pra não perder a medida. Era um salário bem expressivo, principalmente pra mim que trabalhava em Viamão. Era supervisora escolar, já cansada do ambiente de escola. O engraçado é que mesmo antes de me inscrever no concurso, eu tinha visto no Correio do Povo uma chamada pra contrato emergencial. O salário era tão bom quanto pro DETRAN, que era por onde entravam os contratados emergenciais, um prazo de temporalidade,..né... de trabalho de um ano. Eu fiquei pensando será que vale a pena me inscrever, sem falar que foi uma grande oportunidade para as pedagogas. Tanto é que o pessoal do concurso, o mercado pra pedagogia não tinha assim, nenhum órgão oferecia espaço tão grande para as pedagogas. Aí me perdi...

**Rosângela F:** Falava dos contratos emergenciais...

**Lisete:** Ia fazer um parênteses: Na verdade depois de um ano de ter entrado, a gente teve oportunidade de botar um saltinho, a gente encontrou no primeiro encontro de diretores de ensino né, a gente convidou, a gente não, o pessoal que promoveu o encontro convidou a Nereide a presidente, a Nereide Tolentino que também era pedagoga, que foi a primeira presidente do DETRAN, que ela que oportunizou que quando fosse para o concurso, é claro que com toda uma filosofia por trás da autarquia DETRAN, ela oportunizou a abertura de vagas pra esse montante expressivo de pedagogas do Estado inteiro e a gente acostumou a dizer e a chamar ela de nossa musa, é muito, sei lá a responsável pela entrada nossa das pedagogas num órgão como o DETRAN. Até aí ponderando essa questão do salário, mais a oportunidade. Mas vou colocar uma coisa importante. No primeiro dia

de exercício, não me lembro da Clair, mas eu me lembro perfeitamente da Rose sentadinha, eu cheguei. Chegou o Hélio Cordeiro, nosso colega e chegou a Úrsula, nós ficamos sentadinhas alí trocando ideias, das conversas não me lembro, travando relacionamento e esse momento antecedia a recepção feita na época pelo capitão Hoffmeister. Não é mais capitão né gente, o tempo passou e ele é tenete-coronel. O capitão Hoffmeister que nos recepcionou na sala dele e uma das coisas mais marcantes que fica pra mim: Vocês vão ver muita coisa dentro desse DETRAN né, mas uma coisa vocês tem que ter presente para vocês. Olha que dignidade que ele nos investiu naquele momento, a responsabilidade né, vocês vão fazer o DETRAN, vocês são o DETRAN, o DETRAN é de vocês servidores. Isso foi um momento bastante importante, tanto é que hoje estou colocando porque passado os dezoito anos né, esse sentimento é que faz a gente levar o pi do DETRAN na lapela. Nós somos o DETRAN. Nós é que estamos criando o DETRAN e a reponsabilidade de poder levar. Hoje tá difícil, para alguns momentos infelizes, mas enfim não foram propiciados pela gente né. É isso.

**Rogério:** pois então eu vou falar, pois o meu futuro seria um servidor, um funcionário quase aposentado do banco do Brasil, mas por motivos que eu não vou falar agora. Eu sai do banco do Brasil em fina de abril de noventa e sete. E pensei o banco pagou um bom dinheiro pra eu ser desempregado, desempregado VIP e aí eu pensei, fiz planos de fazer concurso público, senão desse certo pegava o dinheiro e ia investir num negócio. Eu me lembro que eu ví como a colega Lisete falou, eu também ví num desses jornaizinhos de concurso que ia ter concurso pra o DETRAN. Opa! Eu pensei eu adoro trânsito, bem eu adoro né, mas quando eu vi que era emergencial eu também me desinteressei. E daí o meu foco era fazer para fiscal do INSS que eu ganhava novecentos e pouco no banco do Brasil. Fiscal do INSS ia pagar quatro mil e quatrocentos e pesou um bruta salário. Só que eu vi por acaso lá final de noventa e sete, por acaso a TV estava ligada na sala, no jornal do almoço ei am anunciando os últimos dias para a inscrição do concurso do DETRAN. Oba, trânsito eu adoro! Fui ver a notícia tem vaga para engenheiro civil? Prestei bem atenção salário de mil novecentos e oitenta e um reais e cinquenta e nove centavos., era praticamente o dobro do que eu ganhava no banco do Brasil. É aqui mesmo que eu vou fazer. Peguei uma bicicleta, fui ligeirinho tirar fotocopia da documentação que eu precisava, morava em Alvorada. Em seguida peguei o carro, eu li todo o Edital

para ver se me interessava. Na última hora que tinha pra se inscrever eu entrei na fila com todos os documentos e deu certo. De todos os concursos que eu fiz, eu desejei mais era passar DETRAN. Trânsito é tudo que eu amo na vida. As pessoas me levavam as cópias do edital lá pra casa, eu ficava acompanhando.

**Lisete:** Desejou tanto que passou em primeiro lugar...

**Rogério:** Foi por acaso, eu achei que ia ser um concurso bem concorrido, achei fizeram trezentos e poucos candidatos por vaga, tinha só cinco vagas, eu já achava uma façanha eu estar naquelas cinco vagas, eu quase não tinha títulos. A minha titularidade era muito pequena. Eu só fiquei em primeiro porque cheguei cabeça a cabeça com a segunda colocada que era Jussara Leite Matuela, eu só fiquei em primeiro lugar porque o critério de desempate era quem tinha nota maior em conhecimentos específicos, por esse detalhe eu acabei sendo o primeiro mesmo. E aí o verão de 98 foi chegando. Será que não vão me chamar? E coisa a e tal, seria uma frustração muito grande né, nunca teve uma matéria de concurso que entrou tão bem na minha cabeça, com tanto prazer como a matéria pedida no concurso do DETRAN. Eu lia aquelas coisas e ia pra rua ver se era verdade, lia os chassis do meu carro pra ver se era verdade, tudo batia certinho com o que estava na matéria. Aí um dia um tio me ligou, OK saiu no DOE<sup>4</sup> a tua nomeação: quatorze de abril de mil novecentos e noventa e oito. Exatamente um ano depois de quatorze de abril de mil novecentos e noventa e sete que me disseram que eu era excedente no quadro do banco do Brasil. Um ano depois, um dia de felicidade, depois de um ano de tristeza. Vou ligeirinho tomar conta dessa vaga. E não é que quase que eu cometo um acidente de trânsito. Aí eu cheguei aqui falei com o Irineu, o Irineu me deu os detalhes, que tinha que fazer exame médico pra assumir e psicológico. O psicológico parecia um biruta, mas consegui passar. Mas eu tremi na base por causa disso não conseguir ser colega do Jeferson, porque a médica descobriu um dente quebrado. Com esse dente quebrado não pode assumir, vai ter que arrancar esse dente e deve colocar uma prótese. Fiquei com medo de não conseguir passar no DETRAN, por causa de um dente, a médica me aprovou e me atrasei dois dias. Perdi um dente pra ganhar o DETRAN. E aí foi aquela história entrei em exercício

---

<sup>4</sup> Diário Oficial do Estado

vinte e quatro de abril e não tinha trabalho pra mim, aí liguei na segundo dia vinte e sete e ainda não tem. Efetivamente na terça aí deu pra eu trabalhar. Aí eu cheguei, o saudoso professor Eduardo foi me inteirar daquelas coisas das regras da sete três quatro de oitenta e nove<sup>5</sup>. O saudoso professor Eduardo ainda está na área. A partir daí foi só felicidade, estava só procurando entrar no DETRAN pra casar. Passou três meses eu casei, hoje não sou mais casado. Mas assim, foi um a no de intensa felicidade, muita alegria, todo mundo entrou em função de um órgão novo, do CTB novo. Eu particularmente que era uma questão de dez, quinze anos para a população da rua, introjetar o CTB, a gente teria bem menos infração, bem menos acidentes, mas infelizmente a natureza humana é difícil de mudar. Depois pelos caminhos da vida virei sindicalista também.

**Clair:** Bom, em mil novecentos e noventa e oito estava desempregada fazendo croché e começara a fazer concursos, passava em alguns, mas não chamavam. Inclusive fiz pra o DETRAN, mas nunca me passou isto que o órgão um dia fosse não dar certo. Eu sempre apostando, alguém me disse isto, me incentivou. Fiz o concurso passei em primeiro lugar, estudei acho que bastante eram quatro vagas. Também tinha passado no hospital de clinicas, optei pelo DETRAN, lá o salário era um pouco menos. Era um órgão novo, mas eu pensei tá começando é bom a gente começar junto, tem mais chances. Estou aqui hoje, faltam dois anos pra me aposentar, quase me aposentando, trabalhando no trânsito!

**Rosângela F.:** Bom, eu vou falar então dos primeiros momentos que eu me lembro do DETRAN, quando naquele prédio da antiga rede ferroviária eu encontro a Rose e a Gladis, se elas lembram da perícia. Aí começamos a entender porque cada uma estava alí, aí vem respondendo a pergunta. Eu vinha de doze anos de magistério, louca pra achar uma alternativa pra minha vida, mudar, como diz a Lisete, tem um tempo que tu faz e tu faz bem aquilo, mas tu tem que dar espaço para outras pessoas que possam fazer mais pela educação e eu entendo, estou indo pensando que ia escapar da Educação. Vim pra o DETRAN. Falo com as gurias, a Rose a Gladis estavam desempregadas, se eu me lembro bem. Cheguei em casa e contei pra o meu marido na época: tem umas gurias lá Edmilson que estão chegando com

---

<sup>5</sup> Resolução 734/89 do CONTRAN-Conselho Nacional de Trânsito

aquelas respostas que eu queria há tanto tempo e eu estou vindo de outro emprego né, mas nos estávamos com uma felicidade, foi muito bom e de cara fui para a Educação. Foi muito bacana de sentir aquele momento, a minha área Educação, com uma chefe: a Sonia, naquele momento quem estruturou estava muito próxima do SENAI/SENAC e de cara nos deu uma missão: nós tínhamos três meses de DETRAN tinha que reunir todo o pessoal do Estado, todos os diretores dos Centro de Formação, todo mundo que podia ajudar, dando as regras, o que que era pra acontecer dentro dos Centros. Gente o que era aquilo? Como é que a gente tinha tanta coragem de encarar aquele momento. Mas depois o DETRAN cresceu. O Jeferson esta aí assumiu a divisão. Como diz o Rogério nós tivemos muitas felicidades, mas também tivemos partes que não são tão boas, são da vida, são do DETRAN, mas enfim eu fiz a escolha certa.

**Lisete:** Realmente no primeiro ano assim início mesmo a gente trabalhava com alegria, com satisfação, com prazer.

**Clair:** Os três primeiros anos foram maravilhosos, mas depois foram quase dez anos de estagnação.

**Rosângela F.:** Bah depois foram quase dez anos de estagnação, foi muito difícil a situação salarial.

**Clair:** A parte política. Posso dizer com certeza que nos três primeiros anos não tinha tanto a parte política e depois de três anos é bem diferente. Os três primeiros anos sem a política no meio é bem diferente, a gente começou a sentir, cento e trinta funcionários nós nos dávamos bem, uns conversavam com os outros e não tinha a parte política e aí quando entrou mudou muito, começaram as nossas dificuldades.

**Rosângela F.:** E aí começou o DETRAN a ser visto como um órgão diferente e nós começamos a sofrer as consequências boas e más disso aí.

**Rafael:** Nós sofremos muitas ameaças do DETRAN voltar pra polícia, lembram? Falaram muitas vezes. Existia uma ameaça. A gente tinha uma certa insegurança.

**Rosângela F.:** Muito tempo isso era uma ameaça, vai voltar. Galinha dos ovos de ouro. A gente sempre ouvia isso. Todo ano vinha essa ameaça.

**Lisete:** Na verdade eram duas facetas! Entregavam para a polícia ou para a brigada militar.

**Clair:** O pessoal que está entrando agora não tem ideia. É bem importante, não tem ideia do que foi nossas cobranças. Estão de parabéns por nos dar essa oportunidade de conversar, porque colocar isso um dia alguém possa ver e ouvir e foi realmente, teve bastante dificuldades.

**Rosângela F.:** CJAP/CSDD<sup>6</sup>, não, primeiro foi carteiras de aprendiz. Esse pessoal teve a estrutura pior de todas. Eles trabalhavam com cavaletes. Era a sede da frente. Era bem complicado fazer atendimento.

**Clair:** Era bem complicado fazer atendimento lá. As pessoas vinham todas machucadas de acidentes. Era um caos. As pessoas vinham retirar as CNH, podre de bêbados. Eu me lembro, me chamou a atenção uma vez um que foi pego, inclusive tinha sido apreendido sua CNH. Essa pessoa disse: vim retirar minha CNH, totalmente bêbado. Vocês não vão me atender, estão sentadinhos aí?

**Edson Harry:** Era um caos. O pessoal chegava ali, fazia uma bagunça. Era bem complicado fazer o atendimento lá. Era bem pesado ali com fotos de acidentes, painéis, o pessoal ficou bem calminho, no saguão de atendimento.

**Clair:** Eu quero deixar um registro. Eu entrei como técnica em secretariado, AT né, a gente trabalhou como secretária nos primeiros anos, até fui secretária por três anos e depois me convidaram para ir para outros setores. Eu aceitei o desafio, eu saí e nunca mais fui secretária, quero deixar registrado que foi muito bom, ter saído, porque eu aprendi muito saindo. Trabalhei em vários setores, agradeço ao primeiro convite de deixar de ser secretária, porque eu aprendi muito mais, trabalhei em

---

<sup>6</sup> Coordenação de Julgamento e Aplicação de Penalidades/ Coordenação de Suspensão do Direito de Dirigir, atualmente Divisão de Cassação e Suspensão de Condutores

vários setores, várias divisões, fiz o currículo dentro do DETRAN, nos setores que trabalhei isso foi um aprendizado muito grande, esses dias eu estava fazendo quanto tempo fiquei em cada setor. Ter saído deixado de ser secretária isso foi um desafio muito grande, não foi fácil, é muito mais fácil ser secretária.

**Lisete:** Nós trabalhamos em desvio de função né, nós eramos muitos poucos, a gente fez coisas que não eram na verdade atribuições da área que a gente ingressou né.

**Clair:** Eu pelo contrário, eu trabalhei na minha área nos três primeiros anos, depois saí e nunca mais trabalhei na minha área.

**Gladis:** Eu queria deixar meu relato, quando eu entrei no DETRAN. Estava desempregada há um ano e pouco aí eu fiz um concurso para o DETRAN. Na iniciativa privada a gente tinha uma visão, que ainda hoje tem, que o serviço público não funciona, então eu fiz mais por um acaso, passei bem. Eu era bancária e sempre tive participação no movimento sindical. O movimento sindical o pessoal não vê com bons olhos. Quando eu entrei no DETRAN eu disse que não ia participar do movimento sindical, nenhum, passeatas, mas não deu outra, foi um ano já estava sendo criado o sindicato do DETRAN, a gente já tava formando, já tava envolvida até agora, não saí, agora vou sair do sindicato mesmo, terminou a gestão, porque agora em dois mil e dezoito vou me aposentar. Essa função do movimento sindical também fui muito ativa no DETRAN, desde o início o pessoal participou, criou o sindicato. Está claro que a gente entrou porque era um momento difícil, não tinha tudo né? Não tinha cadeira, os servidores que estiveram aqui desde o início, desde o primeiro momento, batalharam, fizeram. Isso deu grandes, hoje tem muito a ver com isso que o pessoal não desistiu, não desanimou e continua até hoje batalhando para que o DETRAN cresça cada vez mais.

**Rafael:** Espero que os aposentados formem o sindicato dos ex.

**Gladis:** Não duvidem disso, né?...Associação dos aposentados do DETRAN.

Entrevistadora: Contem pra nós alguma coisa pra nós dos primeiros projetos que vocês se envolveram. Eu sempre admirei muito quem começou um sistema, começar do nada. Eu sempre achei um grande desafio.

**Clair:** Como era o nome do sistema PLENUS.

**Lisete:** Contem suas façanhas por favor.

**Edson:** Na verdade PLENUS era o ambiente né, a gente funcionava com outra tecnologia, que era direto nas máquinas. Me lembrei daquela telinha de caracteres que era bem comum nos anos oitenta, bem parecido com o que o FBI, ainda até hoje se usa. E a gente começou a fazer o SIT, foi desenvolvido, foram meus colegas que trabalharam lá, porque era veículos e infrações. Daí depois começaram a dividir. Acho que no começo nem tinham previsto, não me lembro, se era previsto fazer só veículos, só o SIT<sup>7</sup> que veio depois. Começou a ser desenvolvido já um ano depois que a gente tinha entrado, que a PROCERGS começou a desenvolver. Pra época foi uma coisa bem ousada, uma tecnologia que recém havia sido implantada.

**Clair:** De projeto, eu me lembro que meu primeiro trabalho que o Ildo<sup>8</sup> me deu. Tava começando a Divisão de Infrações. Eu me lembro que o meu primeiro trabalho, vai pra lá começar Infrações, tudo novo. Me deu os municípios, quatrocentos e vinte e oito. Liga pra eles, pra eles virem fazer o convenio reciprocidade, convenio guarda-chuva que chamavam na época. Aí eu ligava pra todos os prefeitos para virem assinar. Passava o dia ligando, aí eles viam. Foi o meu primeiro trabalho, ligava pra todas as prefeituras e forçar, e oferecer o convenio de reciprocidade, para eles virem e assinar. Um tempo ligando, os prefeitos vieram assinar o convenio. Hoje, depois, não sei como está, hoje na FAMURS<sup>9</sup>, acho que é na FAMURS. Os primeiros convênios eram lá no DETRAN.

**Rose:** Eu me lembro que a gente teve que organizar o primeiro congresso internacional de transito, a gente entrou em abril e o congresso era pra acontecer

---

<sup>7</sup> Sistema de Infrações de Trânsito

<sup>8</sup> Ildo servidor que hoje está diretor geral da autarquia.

<sup>9</sup> Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul

em novembro. Foi um sucesso, foi, mas digamos de abril a novembro era pouquíssimo tempo, um congresso internacional de transito. A gente tava entrando no DETRAN, não sabia nem o que era DETRAN e quem era o público e como organizar esse evento e foi um desafio em tão pouco tempo um congresso internacional. Foi o primeiro grande desafio fazer esse congresso que foi um sucesso. Foi na PUC e teve seiscentos participantes. Foi bem legal!

**Clair:** Teve vários desafios eu quero dar os parabéns a todos os cento e trinta. A gente se encorajava, o pessoal se dedicava, nós éramos tão poucos e fazíamos de tudo um pouquinho, realmente fazíamos de tudo um pouco. Teve tantos desafios, tanta garra por isso dava certo, mesmo tendo pouco tempo, tão diferente de hoje. Tem pessoas que encontro no elevador, nem conhece. Nós, um conhecia o outro.

**Rose:** Detalhe, eu não sei se foi na nossa geração que o DETRAN, ele parece meio viciante. Eu não pretendo sair do DETRAN né, o DETRAN eu acho que a gente fecha com ele, não sei. Eu coloco quando tem alguma matéria, bah saiu uma matéria bem legal no Fantástico, daí eu botei no meu facebook: Olha só! Dá-lhe DETRAN. Eu não sei, eu sinto, eu visto a camiseta do DETRAN, eu sinto isso, eu não sei se vocês também sentem ou se essa nova geração também sente ou se é só a gente. Mas eu não sei, ele é uma coisa viciante o DETRAN, é que o tema dele, as pessoas tinham que ver isso que ele é a defesa da vida, missão. Por mais que trabalhe no protocolo, trabalhando com correspondência, o DETRAN é missão da defesa da vida, eu acho forte é muito diferente, sei lá, de estar numa empresa privada trabalhando pra vender pneu ou outra coisa, aqui é missão da defesa da vida. Eu acho isso forte, é viciante!

**Clair:** Eu concordo no sentido de que todos vestiam a camiseta porque era tudo novo e a gente começou e ajudou e a maioria dos que estavam. Claro alguns fizeram concurso e saíram, mas justamente por que essa garra que a gente tinha de participar de eventos. Eu vou ficando por aqui. Até fiz um, ou dois concursos, tá vou me aposentar por aqui, não vou fazer. E tu ter participado lá motiva bem os primeiros a ficar, vai gostando realmente quem está no DETRAN, acho que tá porque gosta. Hoje quem está não tem ideia do que a gente passou, né. Os novos entram fazem outro concurso, saem, Mas nós que participamos desde o primeiro

temos aquela garra de ver o que tu começou, a continuidade, tá saindo, tu não vê e realmente quem tá aqui ainda tá porque gosta.

**Rogério:** Sobre os projetos novos aí, tem projetos...eu entrei como engenheiro civil, uma das minha atribuições era fazer a vistoria predial dos únicos credenciados que tinha na época que eram dos CHC<sup>10</sup>. Aí eu vi que não tinha quase nada escrito. Aí eu e o saudoso engenheiro Marcelo Caetano de Freitas. Que eu vim no banco do Brasil que tudo tinha manual, de todos os serviços, tudo era explicado nas circulares do banco do Brasil. Eu senti muita falta desse tipo de livro aqui no DETRAN e eu pensei em escrever um manual de vistoria de prédio e instalação física de CHC. Aí peguei o Marcelo Caetano e começamos a ler a rotina dos serviços, de tudo, desde quando chegava o pedido de protocolo, desde quando sinalizava o prédio se aprovava ou não aprovava. Então um dos primeiros manuais de serviço que teve acabou não ficando oficializado, uma coisa que acabou ficando só entre nós, era um manual de vistoria predial. Até hoje eu me ressinto do DETRAN, não ter um manual que explique detalhes, assim, os pormenores de cada rotina de serviço de cada setor. O banco do Brasil sempre tinha isso se faltasse alguém, até tu aprender o serviço e a pessoa que fosse te ensinar não tava, tu ias lá no manual pegava, lia aquilo ali e acaba fazendo. Essa parte o DETRAN não evoluiu ainda em termos de ter um manual de instruções de serviços, não explicam tudo em detalhes. E nós fizemos um manual que é embrião do que se usa hoje na engenharia.

**Lisete:** Nós temos manual na veículos.

**Rogério:** Alguns setores fizeram manual.

**Edson Harry:** Fizemos manuais, deu para fazer nos primeiros anos, mas depois começaram a crescer as demandas, especialmente as demandas da informática. As áreas cresciam e muitas vezes as demandas cresciam mais que as áreas. É histórico a defasagem em termos de pessoal lá para quantidade dos atendimentos é absurdo. Nunca as áreas de TI<sup>11</sup> no DETRAN acompanharam nem próximo do crescimento. A gente teve que trabalhar lá desde dois mil e um, aquela história de

---

<sup>10</sup> Centro de Habilitação de Condutores

<sup>11</sup> Tecnologia da Informação

cobertor curto, já não tinha como atender a todos. Isso começou a frustrar. Até tem uma época que eu acabei saindo, trabalhei na PROCERGS. Não sabia se daria certo, pedi uma licença. Na época era aceito.

(Conversa se mistura, confraternizam!)

Entrevistadora: Muito obrigada, parabéns pela caminhada!